

NARRATIVA DE APRENDIZAGEM DE TECNOLOGIA DIGITAL: POSSIBILIDADES INVESTIGATIVAS A PARTIR DE MEMÓRIAS*

Vanessa Tiburtino

Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) campus Nova Venécia
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

Contar histórias faz parte da vida humana. A narrativa propicia a investigação das maneiras diversas como o sujeito reflete suas experiências vividas. Neste sentido, este trabalho configura-se numa narrativa sobre experiências de aprendizagem de tecnologia digital da autora. Além de narrar a história voltada a esse foco, busca-se entender, por meio de análise qualitativa, os sentimentos que permearam todo o percurso, os obstáculos, as satisfações, os meios de superar as dificuldades, num processo de conhecimento e autorreconhecimento. Neste intuito, este estudo baseia-se em Barkhuizen, Benson e Chik (2014) para analisar motivações, emoções e características que os percursos de aprendizagens podem envolver. Todos esses aspectos reforçam as dimensões (culturais, políticas, educacionais e sociais) que se entrelaçam numa narrativa, fazendo desta um instrumento para se pensar novas perspectivas e práticas em pesquisas.

Palavras-chave: narrativa; tecnologia; aprendizagens.

1 Introdução

[...] nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo (GALVÃO, 2005, p.330).

Contar histórias, narrar casos, compartilhar experiências, ouvir e aprender com os dizeres do outro fazem parte da vida humana. Barthes (1977 apud CZARNIAWSKA, 2000, p. 4 no pdf) salienta que “a narrativa está presente em todas as épocas, em todos os lugares, em todas as sociedades; ela começa com a própria história da humanidade e não há lugar nem tem havido um povo sem narrativa. Todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas [...]”².

Connelly e Clandinin (1990) enfatizam que a narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo. Nesse viés, este trabalho configura-se numa narrativa sobre minhas experiências de aprendizagem de tecnologia digital. Neste estudo, estudo se constitui uma autonarrativa e, além de contar minha história voltada a esse foco, busco entender, por meio de análise qualitativa, os sentimentos que permearam todo o percurso, os obstáculos, as satisfações, os meios de superar as dificuldades, num processo de conhecimento e autorreconhecimento.

2 Aprendizagem de Tecnologia Digital: meus percursos

Refletir e escrever sobre meu processo de aprendizagem de tecnologias é muito interessante e, de certa forma, me emociona, pois me vejo lá nos fins dos anos 90, quando ainda

* XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online (XIV CILTEC-Online) - novembro/2020 - <http://evidosol.textolivre.org>

² Tradução de: “[...] narrative is present in every age, in every place, in every society; it begins with the very history of mankind and there nowhere is nor has been a people without narrative. All classes, all human groups, have their narratives [...]” (BARTHES, 1977 apud CZARNIAWSKA, 2000, p. 4 no pdf).

era uma adolescente muito ansiosa frente aos desafios, mas com um desejo enorme de sempre aprender sobre o que vigorava na época. Meu primeiro contato com um instrumento tecnológico foi o computador. Na verdade, minha mãe sempre dizia que suas três filhas tinham que aprender datilografia e falava que, quando cada uma fizesse 14 anos (nunca perguntei o porquê da especificidade da idade), ela matricularia no curso, independente do nosso desejo, pois, nos dizeres dela, “todo mundo que sabe datilografar consegue um emprego”.

Como mais nova e ansiosa, observava minhas irmãs na máquina de escrever e, quando tinha um tempo, eu mesma manuseava, aprendendo sozinha antes mesmo de entrar no curso. Para minha surpresa e decepção de mamãe, não pude fazer o curso quando completei 14 anos (1998), visto que a única escola em minha cidade (Nova Venécia/ES) fechou por falta de aluno, frente à era digital e chegada de computadores no mercado. A onda então era fazer curso de Informática. E assim, no ano seguinte, aos 15 anos, tive meu primeiro contato com o computador, na única escola de informática da cidade. Recordo que o curso era sábado durante boa parte da tarde, mas participava de forma empolgada, porque achava o máximo aquela máquina. Lembro perfeitamente como demorava para ligar, ficava numa tela azul por minutos; a arquitetura também das máquinas eram bem diferentes, com PCs pesados, grandes e telas menores.

No mesmo ano, adquirimos o primeiro computador e, com isso, instalamos a internet, que, à época, era discada (por telefone). Lembro do barulhinho da discagem tentando conectar e da raiva que me dava quando alguém ligava para minha casa ao mesmo tempo em que tentava conectar à internet. Obviamente, era tudo mais lento, mas ter acesso àquelas imagens, textos, cores, fotos de outros lugares, enfim, ver o mundo por aquela tela era fascinante para mim. Ao longo dos anos de minha adolescência, fui me aprimorando, fiz outro curso de informática (2001), digitava trabalhos escolares e muitos cantos para minha mãe (a impressão era na transparência, a fim de que ela pudesse usar no retroprojeter da igreja). Outra lembrança forte era a quantidade de disquetes que tínhamos aqui em casa e a demora que era para encontrar em qual deles estava determinado arquivo meu, das minhas irmãs ou dos cantos de mamãe. Essas pessoas foram muito importantes no meu processo de aprendizagem, pois a única que mais lidava com o computador era eu; então, tudo que precisava ser digitado, pesquisado na internet, impresso ou salvo em arquivos era de minha responsabilidade; quanto maior contato, mais aprendia. Meu primeiro professor do curso de informática também marcou bastante, pois sempre passava desafios, trazia funcionalidades e atalhos mais rápidos e cobrava muito mesmo; suas explicações eram fantásticas.

Meu primeiro computador funcionou por muitos anos e foi realmente a primeira fonte de tecnologia digital com a qual tive contato. O serviço de internet foi melhorando, mas o computador era o mesmo, foi ele que nos serviu durante o período do Ensino Médio e de graduação das três filhas. Foi um recurso muito importante para meus estudos e conhecimento sobre tantas coisas do mundo; lembro que ficava horas passeando de site em site pesquisando sobre lugares, sites e *blogs* sobre diferentes assuntos, notícias, entre outros. Isso me ajudava bastante também quanto à aprendizagem de língua inglesa, pois, como fazia curso particular, gostava de viajar pela internet sonhando com possíveis países que poderia, um dia, visitar. Essa imersão me possibilitava mais contato com inglês e eu ansiava cada vez mais aprender.

Interessante também sobre como essas tecnologias foram mudando de forma rápida, abrangendo mais setores da sociedade (escolas, bancos, compras). Exemplo: a primeira vez que fiz vestibular para Letras (2001) tive que ir pessoalmente à faculdade preencher o formulário e, dois anos depois, ao tentar vestibular para Educação Física na Ufes, o processo já foi todo digital. Como meu coração acelerou enquanto a tela não abria com a lista dos aprovados! Os sites travavam muito, especialmente em dias de resultados de grandes provas como vestibulares e Enem.

Em 2003, com os avanços tecnológicos e meu primeiro emprego, pude comprar meu primeiro celular, muito mais pesado e com poucas funcionalidades se comparado aos telefones atuais; era mesmo para fazer e receber ligação e mensagens de textos. Essa também é uma recordação importante, pois estar com celular me trazia um sentimento de segurança de poder falar com meus pais a qualquer momento, poder avisar ou pedir ajuda, caso precisasse. Lembro das mensagens de textos (SMS) que trocava com minhas amigas, algo que hoje raramente faço, frente ao uso de aplicativos (como *whatsapp*) que nos possibilitam mandar áudio, foto ou escrever de forma mais divertida e rápida.

Com o passar do tempo, fui lidando com as tecnologias que surgiam de forma mais moderada e adaptada mais às necessidades do meu trabalho: *pen drive*, computador e internet de mais qualidade, consulta constante a sites voltados à educação e ao ensino de línguas. Nas escolas onde trabalhava, conforme as tecnologias eram disponibilizadas, fazia uso regular: televisão com entrada para pen drive, datashow, quadro multimídia eram recursos que me possibilitavam diversificar e aprimorar minhas aulas, envolvendo e oferecendo mais qualidade aos meus alunos. Na vida pessoal, o recurso tecnológico que mais utilizei era (e ainda é) o celular, que hoje tem inúmeros recursos e acessos mais facilitados (e-mails, aplicativos, compras, notícias, arquivos de estudos e tantas outras possibilidades).

Uma das grandes contribuições do largo acesso e avanço da internet foi a criação de redes sociais, que também mudaram ao longo dos anos (*Orkut*, *Facebook*, *Instagram*, *Tik Tok*). Sempre entendi essas redes como uma forma de socializar, aproximar, reencontrar, divertir, mas nunca fui muito apegada a elas. Na verdade, tive *Orkut* muito tempo depois que já era moda no Brasil e também foi por um período curto; não conseguia dividir meu tempo de estudo, trabalho em três escolas, família e ainda ficar navegando em *Orkut*. Logo apaguei a conta e só voltei a ter rede social neste ano de 2020 (*Facebook* e *Instagram*); sou uma aprendiz iniciante ainda nestas redes. Hoje, entendo que elas facilitam muito o contato com as pessoas, conhecimento sobre questões de estudos, revistas científicas e tantas outras possibilidades (*lives*, publicações, amizades), mas confesso que não dedico muito tempo às redes por achar que a vida ali mostrada é bem diferente do que é real e por ter certas dificuldades com tantos recursos, *layouts* e artefatos lá disponíveis. Leio e curto comentários, posto regularmente algo sobre minha família ou questões de estudo, mas não vivo constantemente conectada, talvez ainda por não estar muito adaptada.

Em minha vida cotidiana, minha conexão com a tecnologia se dá acentuadamente pelo celular (notícias e leituras a respeito dos meus estudos, webconferências, e-mails etc), além de assistir a séries ou filme em TV. O computador é também essencial para meu trabalho (especialmente na atual era remota devido à pandemia da Covid-19) e meus estudos. Vejo que esta é uma das grandes diferenças entre mim e as amigas e familiares que me rodeiam: o acesso da maioria é voltado às redes sociais e já eu me dedico bem menos a isso.

Outro aspecto interessante que percebo é como a tecnologia muda os hábitos de vida de tanta gente, colaborando com muitas atividades diárias (pagamentos, compras, resolução de problemas técnicos, trabalho, ferramentas como *zoom*, *meet*), mas para as gerações mais velhas isso não afeta tanto; meu pai, por exemplo, com 78 anos mal sabe ligar seu celular, só recebe chamada mesmo. Ele se incomoda quando nos vê imersas nas telas. Quando sento para conversar com ele, noto quanto temos que dar valor aos diálogos olho no olho, o quanto podemos aprender com cinco minutos de interação; e ele simplesmente se nega a conversar se eu estiver com celular na mão, pois não entende como nossa atenção é tão facilmente desvirtuada com tal recurso a nosso alcance.

Obviamente, admito que tenho muitas experiências positivas com a tecnologia digital, como o aprimoramento do meu trabalho, lazer, busca por informações, arquivos, conhecimentos. No entanto, uma experiência muito negativa que me traumatizou foi o *hackeamento* do meu computador, que me causou problemas com cartão de crédito. Sei que há

formas de me proteger quanto a isso, mas como foi uma situação bem recente (março/2020), ainda demorei para voltar a ter confiança em compras virtuais.

Outro aspecto importante é sobre a criação das novas gerações com acesso às tecnologias digitais, como os hábitos mudam e são moldados pelo que se vê na internet. Meu sobrinho, de 9 anos, desde muito cedo teve este contato e, como ele vive comigo, consigo perceber claramente os pontos positivos desse acesso (vídeos educativos, informação, aprendizado rápido dos inúmeros aparatos tecnológicos, pesquisas escolares, vídeos divertidos) e negativos (ausência de brincadeiras nas ruas, falta de diálogo, *fake News*, perigos em sites e arquivos inadequados).

Conviver e acompanhar pessoas de gerações tão diferentes (meu pai, 78, e meu sobrinho, 9) também colaboram com meu processo de aprendizagem constante, pois me oportunizam fazer estes paralelos entre os benefícios, as limitações e o uso das tecnologias a nosso favor, nunca esquecendo quais valores realmente importam.

No tópico seguinte, tecemos algumas reflexões sobre as contribuições que os dados desta narrativa podem acarretar quando pensamos no contexto de aprendizagem de tecnologias digitais.

3 Análise de Narrativa

As memórias e experiências relatadas refletem como a aprendizagem envolve emoção, interação, valores, construção de identidade, trocas e muito conhecimento sobre si mesmo. Willians e Burden (apud FERREIRA, p. 32) frisam que a aprendizagem “ocorre dentro de uma variedade de contextos que se sobrepõem frequentemente, alguns dos quais são mais propícios ao processo cognitivo, afetivo, moral ou de desenvolvimento social do que outros”. O relato em estudo comprova que as múltiplas realidades e ambientes de aprendizagem nos quais houve contato com práticas reais de uso da tecnologia corroboraram com as experiências vividas e potencializaram a aprendizagem.

Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p. 37) pontuam que os dados das narrativas podem ser: *temporais* (refletindo o passado e o futuro), *emotivos* (experiências positivas e negativas), *reflexivos* (crenças, expectativas e práticas), *estratégicos* (planos e objetivos) e *instrutivos* (conselhos). Embasamo-nos, portanto, nas quatro primeiras orientações para estruturar a presente análise. Além disso, levantamos também possíveis motivações, relacionamentos e comparações que foram salientados ao longo do relato.

3.1 Dos aspectos temporais

Construo minha narrativa numa sequência temporal (início da adolescência à atualidade), demarcando, inclusive, a época (ano) e lugar em que minhas vivências se passaram, o que configurou-se muito importante para o estudo, visto que as experiências são temporais, situadas sócio-historicamente. Para iniciar, pontuo que

Refletir e escrever sobre meu processo de aprendizagem de tecnologias é muito interessante e, de certa forma, me emociona, **pois me vejo lá nos fins dos anos 90, quando ainda era uma adolescente muito ansiosa frente aos desafios**, mas com um desejo enorme de sempre aprender muito sobre o que vigorava na época. Meu primeiro contato com um instrumento tecnológico foi o computador. Na verdade, minha mãe sempre dizia que as três filhas tinham que aprender datilografia e falava que, **quando cada uma fizesse 14 anos (nunca perguntei o porquê da especificidade da idade)**, ela matricularia no curso, independente do nosso desejo, pois, nos dizeres dela, “todo mundo que sabe datilografar consegue um emprego.[...]”

Em **2003**, com os avanços tecnológicos e meu primeiro emprego, pude comprar meu primeiro celular, muito mais pesado e com poucas funcionalidades se comparado aos telefones atuais [...].

Destaco, desde o início, que enquanto adolescente desejava aprender sempre mais e, quando saliento o ano e minha idade, consigo fazer um paralelo com as tecnologias disponíveis na época, minha forma de lidar com o que aprendia e como elas influenciavam o ritmo de vida naquele tempo.

Em outros excertos, entrelaço a passagem do tempo com o aprimoramento na aprendizagem, as limitações e sucessos, conforme podemos perceber nos fragmentos que se seguem.

Com o passar do tempo, fui lidando com as tecnologias que surgiam de forma **mais moderada e adaptada mais às necessidades do meu trabalho**: *pen drive*, computador e internet de mais qualidade, consulta constante a sites voltados à educação e ao ensino de línguas. Nas escolas onde trabalhava, conforme as tecnologias eram disponibilizadas, **fazia uso regular**: televisão com entrada para pen drive, Datashow, quadro multimídia eram recursos que me possibilitavam diversificar e aprimorar minhas aulas, envolvendo e oferecendo mais qualidade nas aulas aos meus alunos. Na vida pessoal, o recurso tecnológico que mais utilizei era (e ainda é) o celular, que hoje tem inúmeros recursos e acessos mais facilitados (e-mails, aplicativos, compras, notícias, arquivos de estudos e tantas outras possibilidades). [...] [...] mas confesso que não dedico muito tempo às redes por achar que a vida ali mostrada é bem diferente do que é real **e ter certas dificuldades com tantos recursos, layouts e artefatos lá disponíveis**. Leio e curto comentários, posto regularmente algo sobre minha família ou questões de estudo, mas não vivo constantemente conectada, **talvez ainda por não estar muito adaptada**.

Por meios dessas passagens, podemos notar como o processo de aprendizagem foi construído ao longo do tempo, aprimorado e enriquecido, mesmo assumindo certas dificuldades com as tecnologias.

3.2 Dos aspectos emotivos

Os processos de aprendizagem são permeados por emoções, afetividade, motivações e sentimentos que interferiram diretamente no meu percurso. Por isso, destaco alguns excertos que demonstram como os aspectos emotivos influenciaram minha trajetória.

[...] **Como mais nova e ansiosa**, observava minhas irmãs na máquina de datilografar e, quando tinha um tempo, eu mesma manuseava, aprendendo sozinha antes mesmo de entrar no curso. **Para minha surpresa e decepção de mamãe**, não pude fazer o curso quando completei 14 anos (1998) [...]

Como meu coração acelerou enquanto a tela não abria com a lista dos aprovados! [...]

Sei que há formas de me proteger quanto a isso, mas como foi uma situação bem recente (março/2020), **ainda demorei para voltar a ter confiança em compras virtuais**. [...].

Os sentimentos de ansiedade, decepção, surpresa, euforia, desconfiança, motivação se misturam e impactam, ora positivamente, ora não, no percurso da aprendizagem. Levar em consideração esses aspectos atrelados ao processo é necessário quando o assunto se refere à aprendizagem, pois vivenciar o mundo virtual e lidar com os novos artefatos, aplicativos, invenções que surgem a todo momento leva o usuário a aprender e desaprender constantemente, a estar sempre alerta para o desconhecido. Um dos objetivos da pesquisa narrativa é este, trazer

à tona as diferentes faces e versões das experiências vividas pelo aprendiz e mostrar como elas impactam diretamente em suas práticas.

Pelas demonstrações sentimentais relatadas, consigo também demonstrar como construí, ao longo dos anos, minha identidade, meu foco e meus interesses ao lidar com as tecnologias.

3.3 Dos aspectos reflexivos (crenças, expectativas e práticas) e estratégicos (planos e objetivos)

As reflexões que trouxe na narrativa evidenciam como minhas expectativas e práticas puderam levar ao aprimoramento e melhor conhecimento das tecnologias digitais. Excertos como os retratados a seguir salientam que meu encantamento frente às descobertas e práticas cotidianas com a tecnologia acarretaram um aprendizado mais significativo e realmente incorporadas ao meu cotidiano.

Recordo que o curso era sábado durante boa parte da tarde, **mas participava de forma empolgada, porque achava o máximo aquela máquina** [...].

Obviamente, era tudo mais lento, mas ter acesso àquelas imagens, textos, cores, fotos de outros lugares, enfim, **ver o mundo por aquela tela era fascinante para mim** [...].

Lembro das mensagens de textos (SMS) que trocava com minhas amigas, algo que hoje raramente faço, frente ao uso de aplicativos (como *whatsapp*) que nos possibilitam mandar áudio, foto ou escrever de forma mais divertida e rápida [...].

Ao longo da narrativa, ainda é possível perceber traços que oportunizaram melhor contato e imersão nas tecnologias digitais, tais como: objetivo planejado desde o início da adolescência, práticas constantes colaborando com os trabalhos digitais da família, uso crescente das tecnologias no meu trabalho, expectativas e sonhos alimentados por meio do uso da internet e percepções e paralelos de uso das tecnologias entre pessoas de diferentes gerações.

3.4 Dos outros aspectos: relacionamentos, motivações e comparações

Ao narrar minha história, tento enfatizar que meus percursos foram permeados por sentimentos, percepções próprias, colaboração de outros sujeitos (mãe, pai, sobrinho, irmãs e professor), sonhos, situações adversas (invasão do computador) e por muitas situações que me fizeram ter uma relação com as tecnologias mais voltada às necessidades de trabalho e estudo. Galvão (2005, p. 328) assevera que

A realidade cotidiana é percebida por cada um de nós de um modo muito particular, damos sentido às situações por meio do nosso universo de crenças, elaborado a partir das vivências, valores e papéis culturais inerentes ao grupo social a que pertencemos. As representações nos permitem decodificar e interpretar as situações que vivemos.

O sentido das tecnologias na minha vida foi construído a partir de vivências e valores, como salienta Galvão na passagem acima. Em determinado momento, o contato com as tecnologias pode ser comparado a um sonho, uma viagem, quando navegava pelo universo de sites, blogs e informações; em outro, a limitação com rede social já cria um distanciamento do mundo digital. Estas instabilidades fazem parte do processo de aprendizagem e saber lidar e encontrar caminhos para superar esses obstáculos fazem parte desse processo.

Pela narrativa, podemos ainda perceber como a relação com minha família influenciou na minha aprendizagem. O fato de acompanhar e ajudar a educar meu sobrinho aprimora meu conhecimento acerca das tecnologias e, ao mesmo tempo, me faz perceber como as gerações atuais e futuras estão sujeitas a tantas possibilidades, vantagens e riscos que o mundo digital nos oferece. A comparação com as gerações do meu pai e meu sobrinho emerge para provar

como as mudanças tecnológicas afetam cotidianamente nossa vida e nos fazem mudar de hábitos e posturas.

4 Conclusão

Escrever e analisar uma narrativa não se resumem a aspectos objetivos ou apontamentos limitados que versam para uma verdade única. Galvão (2005, p. 341) frisa que “o método da narrativa constitui uma forma simultaneamente rica, exaustiva e difícil de investigação”. Falar sobre minhas experiências e trazer à tona a diversidade de eventos vividos configuraram, para mim, um instrumento de reflexão e conhecimento a respeito da subjetividade que todo processo de aprendizagem implica: sentimentos, fracassos, interação, contexto e práticas reais de uso tecnologia, necessidades de mudanças, relação com o trabalho, valores familiares, entre outros. Todos esses aspectos reforçam as dimensões (culturais, políticas, educacionais e sociais) que se entrelaçam numa narrativa, fazendo desta um instrumento para se pensar novas perspectivas e práticas em pesquisas.

Referências

BARKHUIZEN, Gary; BENSON, Phil; CHIK, Alice. *Narrative inquiry in language teaching and learning research*. New York: Routledge, 2014.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J.. Stories of Experience and Narrative Inquiry. *Educational Researcher*, Washington, v. 19, n. 5, p. 2-14, 1990.

CZARNIAWSKA, Barbara. *The uses of narrative in organization research*. Göteborg University. 2000. Disponível em: <https://gupea.ub.gu.se/bitstream/2077/2997/1/GRI-rapport-2000-5.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

FERREIRA, Daniela Elisa Duarte. *Experiências de aprendizagem no contexto on-line: Narrativas de estudantes do projeto Ingrede*. Dissertação (Mestrado). 125 p. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

GALVÃO, Cecília. *Narrativas em educação*. Revista Ciência & Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.